

LE MONDE DIPLOMATIQUE

MUDANÇA DE CICLO

por Mário Soares

Está a estabelecer-se, pelo menos na opinião pública ocidental, um sentimento difuso de frustração - e de inquietude - que leva a pensar que o Mundo está a chegar ao fim de um ciclo histórico, sem se saber, ao certo, o que virá depois. É o que outros chamam crise de civilização ou melhor: crise dos "valores" da civilização ocidental.

Nos princípios do século passado um filósofo alemão, Oswald Spangler (1880-1936), escreveu um livro que teve então uma certa notoriedade, intitulado "Decadência do Ocidente". Tinha uma visão pessimista da História e não acreditava no progresso, profetizando tão só que os ciclos se sucediam, alternando os períodos de ascensão com os de decadência. E os impérios tinham períodos de ascensão e, depois, de queda, decadência e morte...

Eu, que acredito na condição humana e no progresso, embora não contínuo nem linear, tenho-me lembrado muito, nos últimos anos, da leitura que fiz, em jovem, de Spangler, de um livro que foi publicado, salvo erro, entre as duas grandes guerras, período que teve inegáveis semelhanças com o que vivemos hoje.

Como se sabe, foi uma fase em que, após a hecatombe da primeira grande guerra - e os seus horrores - se procurou restabelecer a confiança nos valores de uma nova ordem mundial, de justiça e de paz, através da criação da Sociedade das Nações, saída aliás do Tratado de Paz de Versailles, considerado por muitos particularmente injusto. A Sociedade das Nações foi uma primeira tentativa frustrada que soçobrou, anos depois da sua criação, começando desde logo pelo desaire sofrido pelo Presidente americano, apóstolo do pacifismo, Woodrow Wilson, que não conseguiu que o Senado Americano ratificasse o Tratado de Versailles nem, conseqüentemente, a Sociedade das Nações.

O intervalo entre as duas guerras representa um exemplo trágico de cegueira e impotência dos políticos democráticos do tempo. Com a Itália fascista de Mussolini, a atacar impunemente a Etiópia, a ascensão que parecia imparável de Hitler, a partir de 1933, com a invasão japonesa da Manchúria (em 1931), a remilitarização da Renânia, a ocupação dos Sudetas, a invasão da Finlândia, pela URSS (1939) e, sobretudo, a descarada intervenção do nazi-fascismo na guerra civil espanhola (1936-1939), perante a total ambigüidade e quase indiferença das democracias inglesa e francesa.

Foi o aceitar da corrida, sem qualquer freio, para o abismo - até à vergonhosa assinatura, a quatro, do pacto de Munique - prova da total incapacidade de reacção das Democracias, cuja última afronta foi o Pacto Germano-Soviético, em que, aliás, os Aliados não deixaram de ter responsabilidades, ao ter lançado os soviéticos nos braços dos alemães, unindo contra os Aliados os totalitarismos, como Hanna Arendt viria a demonstrar.

O colapso do universo comunista (1989-91) - com a queda simbólica do muro de Berlim, a libertação sucessiva das chamadas Democracias Populares, e a implosão do império soviético - provocou no Ocidente uma explosão de entusiasmo, que conduziu a um optimismo não crítico, acreditando cegamente na universalização da "democracia liberal", confundida esta com a "teologização" do mercado, como valor supremo. Daí aos Estados Unidos se auto-considerarem como o "império benigno", a hiper-potência dominante, o polícia do Mundo - a quem competia regular a paz e a guerra - unilateralmente, marginalizando as Nações Unidas, foi um passo e um sonho. Sonho, para que acordaram - mal, diga-se - em 11 de Setembro de 2001, quando assistiram, estupefactos e atónitos, aos ataques às Torres Gémeas, em Nova Iorque e a instalações do Pentágono, em Washington.

A União Europeia teve muitas responsabilidades na arrogância e total incapacidade de incompreensão dos fenómenos que se seguiram, pela parte da administração Bush. Porque se recusou a ver a realidade e seguiu, com manifesta subserviência, a estratégia definida pelos Estados Unidos. Sobretudo, os socialistas e os social-democratas - que chegaram a ser onze em quinze dos

governos europeus de então - e tinham obrigação de terem sido mais atentos à defesa da paz, às questões sociais, aos Direitos Humanos e ao Direito Internacional, que estavam em causa.

A Cimeira dos Açores - onde se usaram, para justificar a invasão do Iraque, argumentos falsos - foi uma vergonha e uma irresponsabilidade: um ferrete que ficou a marcar os seus participantes, George W. Bush, Tony Blair, José Maria Aznar e, infelizmente o anfitrião português, José Manuel Durão Barroso.

Tudo isso passou e está na memória dos leitores. Não vale a pena insistir agora nos erros nem nos crimes. Interessa só constatar que os dois mandatos de Bush modificaram os dados político-estratégicos em que o Mundo repousava - desacreditaram a América e, embora menos, a União Europeia - e contribuíram, decisivamente, para o clima de crispação e mal-estar em que hoje vivemos.

O Mundo voltou ao plurilateralismo. As Nações Unidas deixaram de ser marginalizadas, por absoluta incapacidade da América para o fazer, surgiram os países emergentes, como grandes potências, a que se tem de prestar atenção, os conflitos no Médio Oriente agravaram-se, outros nasceram. E daí a sensação de final de ciclo histórico que tanto nos aflige.

Não basta, contudo, fazer o diagnóstico do estado do Mundo. Interessa reflectir sobre o futuro, apesar da sua complexidade e imprevisibilidade. E, especialmente, agir para que seja melhor.

Nesse sentido, o ano de 2008, com a recessão económica que se intensifica na América (desemprego, baixa do dólar, inflação, crescimento do déficit externo, queda do investimento externo, etc.) e se reflecte na União Europeia - onde a economia de casino, neo-liberal, começa a produzir os seus efeitos negativos, nas bolsas mundiais - é perfeitamente decisivo para podermos avaliar a direcção em que vai o Mundo. Muito dependerá das eleições presidenciais americanas - e de quem as vai ganhar - embora pense que qualquer que seja o Presidente eleito terá de mudar, radicalmente, as políticas internas e externas de Bush. Mas tudo depende da profundidade e rapidez com que o faça. A meu ver, Barack Obama seria o mais qualificado para fazer a ruptura. Tanto que já alguns agoirentos - em jornais responsáveis - profetizam que será assassinado, como foi Kennedy!

Muito depende também da União Europeia e dos resultados das eleições europeias que irão ocorrer em Junho de 2009. Os actuais políticos europeus, com algumas poucas excepções, parece que ainda não compreenderam que na Europa também são precisas rupturas radicais, em consonância com as aspirações sociais e ambientais dos eleitores europeus e as Grandes Causas que hoje preocupam os jovens e os adultos, mulheres e homens. Sessenta anos depois de Maio de 68 está na hora que os jovens europeus voltem a lutar por um Mundo mais justo, solidário e melhor.

Lisboa, 14 de Março de 2008